

SIMULANDO O ESPAÇO E O TERRITÓRIO

ARMANDO CORRÊA DA SILVA
Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

PRIMEIRA SIMULAÇÃO: O Espaço Fora do Lugar

O nada é ausência, na presença do vazio que se faz imaginação não programada do fazer-se geo-representação.

O ponto de partida é ilusão do experienciar o tempo e o espaço.

Na carta virtual os roteiros são caminhos que não conduzem a pontos de referência, na velocidade da relação imagética

O percurso é indeterminado, pois não possui referentes nem denotativos.

Como ignorar o ponderável?

"...a questão pode encontrar viabilidade de solução quando o ser é proposto desde logo como não sendo separável do tempo, do espaço e do movimento."

Por isso, "...a forma espacial é a expressão do lugar, que é o valor real, assim como as pessoas que o habitam e trabalham." (pg.3)

Mas, a forma é real e aparente, confrontando-se com o conteúdo real e aparente.

O lugar fora do espaço?

Isto lembra o Cosmos de Humboldt, uma visão Iluminista da Geografia.

Como considerar a espacialidade fora da gravitação, na época, ainda não posta?

O espaço de Newton era, então, o visível com os recursos de seu tempo.

A simulação primeira, no decorrer da história da Geografia, não podia por-se como realidade.

SEGUNDA SIMULAÇÃO: DE Quem é o Pedaco? (Espaço e Cultura).

O território do ninguém é habitado por esse ser sem perfil definido que é o geógrafo.

E preciso, por isso, considerar o cotidiano.

Então, digo, passo a passo componho meu chão, desenhando estranhas abstrações.

A Geometria é uma teoria do espaço formal?

Mas, se minha sombra, que me acompanha, indica o fluxo da primeira natureza, não obstante ela demarca o território expresso no solo que piso, referências de rochas e períodos pretéritos, sombra essa que, contudo, move-se por si, como na ficção cinematográfica.

Assim, a vida é multiplicada pelo jogo dos espelhos da natureza e da sociedade que apontam para o reflexo pragmático.

O olhar, que depende da retina, vislumbra miríades de pontos luminosos em movimento quando, depois de olhar

fixamente uma referencia intensamente luminosa, olho para uma superficie branca.

Como decodificar a pré-intuição?

Remeto-me ao transcrito e digo: "O projeto é, então, em primeiro lugar, o movimento genético. Trata-se de captá-lo em sua origem mais remota. Esse flagar a pré-intuição é a objetivação racional do ser em suas formas de totalidade inicial. Por isso, o território da consciência é, em primeiro lugar, a idéia." (pg.11)

Mas, a idéia se põe como fragmentos de inúmeras sensibilidades, compondo assim um cotidiano ilusório, cheio de significados imanescentes mas indecifráveis, embora positivos.

São pedaços do ser geográfico, como recortes que supõem a existência de um todo parcial, indiferente à análise, por mais minuciosa que esta seja.

A territorialidade assim posta, como relações entre a Geografia, a Sociologia e a Psicologia, confronta-se com o empírico do território de Ratzel.

TERCEIRA SIMULAÇÃO: Geografia e Lugar Social.

As ações e relações flutuam no espaço e no território.

Vejo-as mas não posso tocá-las, pois são invisíveis e não definem o lugar, que pode ser nenhum.

Por exemplo: os fragmentos produzidos e coloridos,

confetes imaginários, em sua realidade flutuante caem sobre velas acesas postas no chão da sala de aula, no lugar distante, em que se vivenciou o tempo e o espaço.

O que é o presente?

Cada um tem o seu presente, porque nossos tempos teóricos e empíricos são diferentes.

O tempo da meta-teoria pode expressar-se, por exemplo, do seguinte modo: "A compreensão da necessidade natural, que é ato de consciência, põe-se como ponto de partida para a organização do espaço natural. A organização do espaço natural supõe a força natural, mas já é a força do trabalho. Por isso, já é espaço social-natural. A construção do espaço social-natural se dá com a transformação da consciência natural em consciência social." (pg.19)

A positividade do argumento defronta-se com as diversas leituras que se podem fazer dele.

Simulo, então, a simulação como simulacro.

PONTUANDO INDECISÕES

Sigo, tropeçando nas palavras, desfazendo novelas e novelas, curtos relatos do festival da mídia, na noite imperturbável de ritmos desconhecidos.

Percebo os sons da simulação na tela, esse visual posto espetáculo colorido, nos andares verticais e horizontais das metrópoles ampliadas.

Assim, chego ao não-bairro e, ali, no beco assimétrico da praça urbanamente impossível, contemplo os resultados de antigas performances, no entardecer poluído.

Então, não bastam o ser, estar, o ter e o haver.

No presente globalizado e mundializado a sensibilidade do visionário se desequilibra no vértice da noite fria de inverno, que pode por-se como metáfora desfeita em prantos nas vigias do tempo e espaço dos mortos.

A reificação, posto que subjetiva, traduz outras alienações de épocas pretéritas, contingentes e continentes.

Nesse momento, não consigo deter-me neste (des)simulacro da simulação simulada.

Agora e então - eis o espaço e o tempo! - o presente se faz movimento em direção não escolhida, no caminho decisório da emancipação dos que estão sem rumo.

A ESTRUTURA COMO SIMULAÇÃO

A simulação pode ser um fingimento (ou, o que não é).

A simulação pode ser um modelo.

O limite da simulação é a farsa, modo burlesco de por-se a crítica dos costumes, à maneira do teatro ambulante.

O limite da simulação pode ser a abstração imaginada que pode induzir à reificação, como falsa representação.

A estrutura pode ser o molde do projeto que as funções utilitárias põem como efetivação material, a partir da razão instrumental.

Assim, uma estrutura geográfica é um real definido pela observação desconstrutiva do sujeito homogeneamente observado.

Então, a decomposição das partes- a desmontagem do real - permite sua reorganização na direção posta pelo desejo, detonado pela substancialidade da carência.

Retorno, desse modo, ao simulacro mas, agora, como necessidade subjetiva que espelha a realidade da figura, cujos contornos o olhar contempla e transfigura no estético, nem belo nem feio, apenas simulação, que se percebe com indiferença.

A estrutura utilitária configura, por isso, a posse do domínio do real, desfeito fenomenologicamente pelo espírito voltado para si mesmo na individualidade solidária.

SIMULANDO O ESPAÇO E O TERRITÓRIO

O espaço simulado só o pode ser através da espacialidade, pois, é esta que permite à observação apoderar-se do real.

O território simulado só o pode ser através da territorialidade,, pois é esta que permite à observação apoderar-se também do real.

Espacialidade e territorialidade são, pois, formas e objetos que, no desenho da objetivação sublimada, poem-se ao sentir e, com isso, ganham corporeidade.

A subjetividade, no entanto, conforma a transsubstancialização da razão.

Isto quer dizer que a simulação pode ser entendida como o presente da imagem, pela via do técnico e do científico. Aqui, contudo, não se trata mais do mundo sensível, mas de uma (des)sensibilidade.

Neste ponto, preciso simular que este escrito não é apenas jogo de linguagem, ou seja, o além da simulação é o indeterminado, o que postula outro modo de lidar com o real: não mais através da Teoria do conhecimento - na oposição, contradição sujeito-objeto - mas por meio da ontologia, da epistemologia e da lógica.

Em outras palavras, simular o espaço e o território refere-se a um ser, a um refletir e a um sentido, plenos de significados para a mente que não se põe fora-de-si ou alheia ao real.

Para finalizar, como não se trata aqui do academicamente incorreto, delimita-se o espaço e o território da simulação em debate. Que este não seja apenas um simulacro.

Pinheiros, 09 de agosto de 1996.